TL295-32

II Jornadas de Timor UP

RESPONSABILIDADE DA IGREJA E DOS CRISTÃOS NA PAZ E AUTODETERMINAÇÃO DE TIMOR

"Eu vi o sofrimento do meu povo que está no Egipto. Ouvi os seus gritos por causa dos meus opressores e conheço as suas angústias. Por isso até ele para o libertar da mão dos égipsios e fazê-lo passar para uma terra boa, terra onde corre leite e mel" (Livro do Exodo 3,7-8).

A opção do cristão é clara: ele não pode servir ao mesmo tempo a Deus e ao dinheiro (Lucas 16,13). A pessoa humana está acima de todos os interesses. Amar a Deus e ao próximo são um único mandamento. (Mt. 25,40). Jesus não se inclinou diante do poder (mateus 4,20), nem diante das ameaças de Pilatos (Jo. 19,10-11), nem diante das perseguições de Herodes (Lc.13,31-33;23,8-9). Nem se inclinou diante das exigências arrogantes dos sacerdotes e chefes do povo (Mt. 21,23-27), nem dos fariseus e doutores da lei (Mt. 12,38-39). Usar o nome de Deus para alimentar situações de opressão ou de morte é usar o nome de Deus em vão, é negá-lo. Ele é o Deus libertador (Ex 3,12; Jr. 1,19) (Ex 20,27).

A IGREJA E A GRANDE DEFENSORA DA VIDA E DA PAZ

1 - Desde o antigo Testamento a grande ordem é: "Não matarrás" (Ex. 20,13). Ai de quem matar outro (Ex 21,12). O Faraó pensava ser dono da vida, e o assassino tinha a protecção da lei. E Deus vem defender a causa dos pequenos e dos fracos (Ex.22,20-26; Mt.5,21-22). Jesus diz: "Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância" (Jo.10,10).

Também a Bíblia fala contra aqueles que roubam a terra ao povo que dela é verdadeiro proprietário (Lv. 25,23).

2 - O Concílio Vaticano II define a missão da Igreja quando na Constituição sobre a Igreja no Mundo diz: "As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens do nosso tempo, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos dsicípulos de Cristo,

e nada existe de verdadeiramente humano que não encontre eco no seu coração. A Igreja se reconhece solidária do género humano e da sua história" (G.S. 1). Dedica longas páginas a falar da sua vocação de defensora da Dignidade Humana e da grandeza da Liberdade. (nº 17; 26).

Quer no Concílio Vat. II, quer em variados Documentos oficiais da Igreja se afirma o direito dos indivíduos e dos povos à liberdade, à dignidade humana, à autodeterminação, ao respeito pela cultura e a religião. Também a Igreja tem repetidamente defendido o direito das minorias e foi até um dos últimos temas escolhidos pela Igreja para o Dia Mundial da Paz. Neste sentido o Papa João Paulo II diz no recente documento sobre os Fiéis Leigos: "... o indivíduo seja irredutível a tudo o que queira esmagar ou anular no anonimato da colectividade, da instituição, da estrutura, do sistema. A pessoa não é um número, não é o anel de uma cadeia, nem peça da engrenagem de um sistema" (nº 37). E nos números 38 e 39 fala do direito à vida e à liberdade religiosa e cultural. Porque não é o número que conta e porque a maioria do povo de Timor-Leste se afirma católico e encontra na Igreja Católica a sua defensora da liberdade, da dignidade, da cultura e da vida, compete à Igreja defender sem timidez nem ambiguidades este povo. Silenciar seria o lavar as mãos, como Pilatos, e esperar pela situação do facto consumado. Se assim fizesse arrastaria consigo o juízo da história . A Igreja, atenta aos sinais dos tempos, manifesta em cada tempo da História a sua missão profética.

Seria fastidioso citar aqui todos os Documentos da Igreja em que ela apresenta todos os valores referidos como elementos constituintes da pessoa humana. Negá-los ou violá-los é violar a pessoa e a sua vocação mais profunda.

OS IMPERIALISMOS E A RESPOSTA DA SOLIDARIEDADE

O Papa João Paulo II num dos últimos Documentos (Solicitude Social da Igreja) aponta duas características do que se chama "estruturas de pecado" e que levam a formas modernas de imperialismo: a avidez exclusiva do lucro e a sede de poder. Os grandes impérios não olham a meios para atingirem os seus fins: condicionam, limitam, invadem outros países como

se eles fossem os senhores absolutos do mundo. Disto é um exemplo nítido a Indonésia, que por ser uma grande potência económica, encontra o apoio claro ou disfarçado de alguns países, e o silêncio de outros, colocando-se os interesses económicos acima do direito e da justiça.

A esta situação de domínio sobre os povos, o Para diz que a resposta dos cristãos e da Igreja é a SOLIDARIEDADE. E especifica: "A virtude da solidariedade não é um sentimento de compaixão vaga ou de enternecimento superficial. Pelo contrário é a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem de todos e cada um, porque todos somos verdadeiramente responsáveis por todos". E acrescente: "Superando os imperialismos de todos o género e os desígnios de conservar a própria hegemonia, as nações mais fortes e mais dotadas devem sentir-se moralmente responsáveis pelas outras, a fim de ser instaurado um verdadeiro sistema internacional, que se apoie no fundamento da igualdade de todos os povos e seja regido pelo indispensável respeito das suas legítimas diferenças". Termina dizendo que a paz é fruto da justiça e da solidariedade. (S.S.I. nº 37-40).

SOLIDARIEDADE COM A IGREJA DE TIMOR

A Igreja é uma realidade única e universal, incarnada e inculturada. Unida na pluralidade das culturas, das raças e povos e nos respeito pelas diferenças. Unida no mesmo Cristo, no mesmo Evangelho pelas relaçõesde fraternidade e de solidariedade. Por isso ela se define como uma comunidade de irmãos. Assim, tocar na Igreja em Timor-Leste é tocar na Igreja universal. Perseguir a Igreja em Timor é perseguir a Igreja no seu todo. E quando se fala em perseguir a Igreja é perseguir os cristãos, que em nome da sua fé lutam pela vida, pela dignidade, pela paz, pela justiça. A Igreja em Timor é perseguida por estar ao lado do povo, por não se demitir da sua missão dace às pressões, ameaças, insultos, calúnias e mortes do poder indonésio.

A Igreja não entra no terreno frágil da estratégia por razões de poder político ou económico. Ela é livre face a esses poderes. Se perde a liberdade perde a identidade. Disso tem estado bem consciente o bispo de Dili, Mons. Ximens Belo nas suas denúncias públicas e na sua atitude pastoral. E isto o aprendeu olhando a realidade concreta, vendo,

ouvindo, sentindo com o seu povo. Sabemos que se encontra isolado e quase que em prisão domiciliária. Por isso os repetidos apelos que tem lançado às outras Igrejas irmãs e concretamente à Igreja Portuguesa. No dia seis de Fevereiro D. Manuel Martins, bispo de Setúbal lia frente às câmaras da Televisão uma carta que lhe fora dirigida por Mons. Belo, em que lhe pedia a solidariedade da Igreja Portuguesa e lhe dizia que se encontrava numa situação de perseguição tal que não se admirava de lhe vir a acontecer o mesmo que Mons. Oscar Romero, assassinado a soldo do poder de El. Salvador. Esta carta apelo deveria mobilizar todos os cristãos, bispos e outros responsáveis da Igreja em Portugal, pois que de um apelo de urgência se tratava. Só uma grande insensibilidade ou falta de consciência da situação é que pode justificar a indeferença ou o silêncio.

Também sabemos que os milhares de cartas de solidariedade com o Bispo de Dili não chegam lá. Apenas pela mala diplomática (Nunciatura Apostólica) lá chegariam. Mas também aqui não tem havido a abertura que se esperava.

Penso que é chegado o momento de os cristãos portugueses dialogarem com os bispos das diversas dioceses do país para lhes manifestar a urgência de uma intervenção mais vigorosa e convicta a favor do povo e da Igreja de Timor-Leste. Os próprios bispos podem exercer acção mais eficaz junto da Nunciatura e do Vaticano para se ultrapassar a situação de grave omissão e silêncio, que comprometem o testemunho de uma Igreja Solidária e Profética. Isto deveria ser feito numa abordagem pessoal com os bispos e feita por leigos sensíveis e comprometidos com esta causa.

Por outro lado há que fazer um trabalho junto da Paróquia e Padres, junto de Movimentos Cristãos, Instituições ou Associações ligadas à Igreja para que o testemunho da Igreja seja mais firme e contribua para criar uma consciência mais solidária e constante por parte dos Organismos Internacionais e dos Governos. Mesmo em relação ao Governo Português mais se poderia fazer, para não deixar correr o tempo. Há que encontrar novos modos de acção, pois que não chega enviar informação. Aqui, há que fazer justiça, sublinhando a acção de D. Manuel Martins, Bispo de Setúbal, embora se constacte que quase aparece isolado do resto dos Bispos Portugueses.

Na nossa Diocese do Porto seria de dar uma grande atenção a todos

os sectores da Igreja pela importância da presença da Igreja junto de grandes camadas populares, não devendo deixar de contactar, com uma proposta concreta, a Comissão Diocesana para as celebrações dos "5 Séculos de Evangelização e Encontro de Culturas".

Não se pode também deixar de referir a importância das declarações do Bispo de Coimbra nas celebrações de 13 de Outubro, em Fátima, e do impacto que isso teve. Os indiferentes mal informados ou em atitude de suspeita ficaram certamente interpelados com as suas palavras: " a situação em que se encontra o Povo Maubere, desrespeitado, humilhado e oprimido é um dos grandes crimes do nosso tempo. E sublinhou a posição do bispo de Dili sobre a necessidade e exigência do referendo para que o Povo Maubere escolha livremente o seu caminho.

A visita do Papa a Dili no dia 12 de Outubro, embora deixasse dúvidas em muitos espíritos e dissesse "coisas que custam a ouvir" (palavras de Mons. Belo), foi vantajosa para que esta causa fosse conhecida em todo o mundo e levantasse interrogações, pondo a questão na ordem do dia. Por outro lado com essa atitude responsabilizou toda a Igreja Católica. Os cristãos de Dili tiveram oportunidade de se manifestarem (ainda que com a repressão das forças indonésias) e ficou mais clara a situação do povo. Foi importante que fosse feita a denúncia da violação dos direitos humanos em Timor-Leste, o direito à identidade cultural e religiosa e a defesa da Igreja Local.

Penso que toda a Igreja tinha agora mais autoridade para tornar mais clara e firme a sua solidariedade, tendo até em conta que o Papa está envolvido em mais condicionantes. Surpreendentemente a posição das Igrejas locais, de bispos, padres e outras instâncias da Igreja mostram-se mais tímidas e calculistas. A própria Nota da Conferência Episcopal Portuguesa, de 9 de Junho, é muito genérica e na base dos princípios. E isto comparando, por exemplo, com a Nota da Conferência Episcopal Holandesa, onde a atitude de solidariedade se expressa com muito mais vivacidade: " com profundo respeito pela vossa coragem, estou profundamente convencido que o vosso franco e corajoso apelo a favor de um referendum, ... só pode ser fruto de ampla meditação e dolorosa experiência ... da triste situação e inexorável sofrimento do vosso bem amado povo" - assim se expressava o Cardeal Simones, presidente da Conf. Episcopal Holandesa. E terminava dizendo: "Como um sinal de fraternidade e um

testemunho de amor e esperança evangélica, quero oferecer-lhe a si e ao seu povo, a simpatia activa e forte apoio da Comunidade Católica Holandesa para com a vossa corajosa luta..."

E é reconfortante, mas desafiador para os cristãos, ouvir do chefe da resistência, Xanana Gusmão, em carta ao Papa: "O Povo Maubere sempre confiou no abnegado clero de Timor-Leste que, em nenhum momento o abandonou e sempre levantou os olhos e elevou o seu pensamento até à Santa Sé".

ALGUMAS SUGESTÕES PARA DAR FORÇA À SOLIDARIEDADE

Há que desenvolver uma acção concretada entre os cristãos e a Igreja Portuguesa.

Para isso algumas sugestões:

- Contactos pessoais de leigos responsáveis em cada Diocese com o seu bispo.
- Contacto com os párocos, Ordens Religiosas, Organismos vários da Igreja onde se conheça alguém capaz de assumir a tarefa de informar e sensibilizar.
- Contacto com as Comissões Pontifícias cujo âmbito de acção se relaciona com esta causa (Justiça e Paz, Pax Cristhi, etc.)
- Contactos com a Imprensa Católica, Rádio Renascença, TV (70X7), para dar sugestões muito concretas e disponibilizar-se para apoiar certos programas.
  Construir uma equipa para isso.
- Propôr às ONGs de caris cristão, um trabalho com os refugiados timorenses, preparando-os para se reintegrarem no futuro, no Desenvolvimento do seu país.
- Sugerir à Conferência Episcopal Portuguesa o contacto com as Conferências dos Países de Expressão Portuguesa com o apoio dos Grupos de Solidariedade existentes em Portugal.
- Tentar aproveitar melhor os padres e teólogos timorenses que estão em Portugal.
- Apoiar o desenvolvimento da solidariedade entre os cristãos em Dioceses onde ela é débil.

- Organizar uma acção (ou mais) conjunta de um modo criactivo. Aproveitar o 7 de Dezembro.

Que este contributo, pouco elaborado, sirva para despertar, dinamizar ou unir esforços nesta nobre causa da dignidade e da paz, para o querido povo de Timor-Leste.

28 de Abril de 1990

P. Bernardino de Queirós Alves (Moselos/Lourosa)